

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA E BACHARELADO EM GEOGRAFIA

A CIDADE DAS TRAVESTIS: territorialidades e a produção dos lugares da invisibilidade social em  
uma cidade média, Ituiutaba – MG.

Ituiutaba – MG

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA E BACHARELADO EM GEOGRAFIA

A CIDADE DAS TRAVESTIS: territorialidades e a produção dos lugares da invisibilidade social em uma cidade média, Ituiutaba, MG.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia

Autor: Luiz Gustavo de Souza Araújo

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Oliveira Jr

Ituiutaba

2019

LUIZ GUSTAVO DE SOUZA ARAÚJO

A CIDADE DAS TRAVESTIS: territorialidades e a produção dos lugares da invisibilidade social em uma cidade média, Ituiutaba – MG.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Antonio de Oliveira Jr (Orientador)  
Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Ciências Humanas do Pontal

---

Prof. Dr. Anderson Pereira Portuguese (Membro Interno)  
Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Ciências Humanas do Pontal

---

Prof. Dr. Saul Moreira Silva (Membro Interno)  
Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Ciências Humanas do Pontal

Data:

Resultado:

*Dedico esse momento à Olímpia Barbosa de Souza, avó amada, sempre será lembrada com toda a importância que merece, obrigada por todo esforço em nos educar.*

## AGRADECIMENTOS

Poderia ter sido melhor, não o trabalho final, mais no como demorou em enxergar a universidade, as pessoas, eu não lamento as notas, nem as produções, eu contribuo com o que melhor eu tenho, o amor pela vida, gostaria de primeiramente, agradecer as políticas públicas que me oportunizaram essa experiência, que sem dúvidas foi a melhor de todas, aos agentes que assim como eu, sonham com um futuro melhor, e não poderia deixar de agradecer ao corpo docente do curso de geografia, me ensinaram muito, me encheram de conhecimento para lutar pela igualdade e pela dignidade.

Eu gostaria de agradecer a alguém que já se foi, alguém que deixou saudades, dona Olímpia Barbosa, minha avó amada, jamais esquecerei o quiabinho frito e as histórias de superação da sua vida, que tanto me motivaram a lutar, de onde estiver, saiba que te amo e que essa conquista é nossa; Gostaria de agradecer a minha mãe amada Marcia Helena de Souza, símbolo de força e resiliência, filha de Ogum e Oxum, traz em si a beleza e a força de uma mulher, Maria como tantas outras nos criou com dificuldades, doméstica, filha de pessoas humildes construiu seu caráter inabalável, conselheira e cozinheira de mão cheia, quem dera que tivesse seguido metade daquilo que me ensinou, tudo seria diferente, menos dolorido. Eu te agradeço por nunca me abandonar, por não me deixar cair, por fazer tudo mais doce, te amo minha gorda, talvez agora possamos realizar nosso sonho do chá na beira do rio Sena em Paris, de viajarmos juntas, obrigada por me aceitar do jeitinho que sou, travesti. Espero que esteja feliz. Era para ser biologia, mais a geografia me conquistou e eu a conquistei também e juntas conquistaremos o mundo, te amo.

Não poderia deixar de agradecer também meu pai, homem simples que nunca nos deixou faltar nada, trabalhador braçal, ama umas biritinhas, um bilhar, com certeza puxei você, amo a boemia, os bares, as noitadas, obrigada por não me abandonar, essa conquista também é sua, te amo. Agradeço também as minhas irmãs, Lara e sara por todo o apoio e por sempre me acompanharem, pelos conselhos, pelos puxões de orelha, por serem referência naquilo que eu almejei ser enquanto imagem feminina de poder. Cada uma com sua particularidade, um contraste de doçura e poder, iluminando minha vida, amo vocês, gostaria de dar um “alo” para minhas sobrinhas queridas, Rafaela e karolyne, que me suportam todos os dias, buscam meu cigarro, meu café, me alegram, amo vocês.

Gostaria de agradecer também, uma mulher que não é da família biológica, mas com certeza da família do coração, Fabiana Mizael, minha eterna técnica, uma pessoa dura que me ajudou a ser forte, indestrutível, me ensinou o espírito de equipe, o companheirismo, o controle mental, a concentração, muito sobre o amor, amizade, carinho, sofri muito até me tornar a pessoa que sou. Quero te agradecer Fabi, e dizer que você faz parte de cada escolha desde o dia que me ensinou um pouco do mundo, o samba em Monte Carmello jamais será esquecido, o dia da missa (risos). Eu te amo muito. Agradecimentos também ao meu amigo Joildo, esse é uma referência do amor, do companheirismo, da pureza, você é a melhor parte de mim, prometo te amar de janeiro a janeiro até o mundo acabar. Gostaria de lembrar pessoas que fizeram parte disso, minhas queridas tias, Sonia, Edina, Vanda (...). Dos meus amigos, Joseph Roberto, Juliano Cavalcanti, Pablo Potter, Denis cândido, Francis Persi, Branca Gomes, Camilla Luiza, Cecília Malvezzi, Joyce Roberta, Matheus Alfaiate, Roberta Quelly, Tábata Tiba, Neide Freitas, Kennedy, Breno, Karlus Ayalla, Eucleni Filho, Júlio Cesar Alves Júnior, Fernanda Quelly, Jeferson Rafael, Cida Satto, Milla Martins, Rayka Bitencourt, Stephanni Brunely, Maria de Lourdes Oliveira, Nilza Helena, avó querida e amada, aos membros do Coletivo As Cores do Pontal, Geovana Durães, as tias do Restaurante Universitário (RU) do Campus, Bruno Amorim, Renan Cavalmoretti, Amanda Sanches, Luciane Dias, Marcelo Vitor, Tatiane Alves, Paloma “Pomba”, a toda comunidade do bairro Natal e tantos outros que contribuíram para que tudo fosse melhor, Gostaria de agradecer em especial ao meu amigo Guilherme Arantes, por ter me ajudado durante o período da criação desse trabalho, muito obrigado. Deixo também meus agradecimentos aos meus professores, Saul Ribeiro, Sergio Gonçalves, Roberto Barbosa Castanho, Patrícia de Matos, Joelma Cristina, Vitor Miyazaki, Carlos Roberto Loboda, Anderson Portuguez dizer que vocês são minhas referências do como ser um bom professor, obrigada pelos ensinamentos, jamais esquecerei.

Gostaria de agradecer meus orixás, e toda a espiritualidade que me auxilia a crescer enquanto ser humano melhor, que me dão, abaixo de Deus, sabedoria, discernimento, e saúde para continuar. Gostaria de agradecer um grande amigo, Antônio de Oliveira, eu me lembro de quando o vi pela primeira vez, faceiro, o espírito brilhava, foi amor instantâneo, ali, naquele momento nós escolhemos, escolhemos caminhar juntos, meu professor e amigo, meu orientador e mestre, como sou feliz nas nossas loucuras, espero que me acompanhe no mestrado, espero que me acompanhe na vida. Eu amo você, obrigada por acreditar em mim, eu sempre confiei em você.

Quero por último agradecer ao Luiz, aquele menininho gordinho, que me trouxe até aqui, onde encontrei a Luiza, mulher forte, que não se furta das lutas, que ama, briga, bebe, fuma, se realiza sem medo do que vão dizer. Obrigada meu amigo, metade de tudo é seu, você vai estar sempre comigo, em todos os momentos, te amo. Agradeço ao cigarro, ele evitou vários colapsos nervosos, agressões físicas, eu reconheço sua importância, obrigada. Agradeço à banca convidada para a avaliação deste trabalho, espero que gostem.

*Obrigada a todos!*

## RESUMO

O presente trabalho tem como principais objetivos a construção da discussão da espacialização da prostituição LGBTQI+ na cidade de Ituiutaba MG, apresentando o mapeamento do recorte temporal de 20 (vinte) anos para melhor compreensão desses territórios e dos arranjos e dinâmicas desse subemprego. Este trabalho não tem por objetivo julgar essa profissão informal como sendo certo ou errado, mais de entender as construções sociais que condenam o indivíduo (travestis e transexuais) ao fardo dessa função. A construção do debate sobre o comportamento social em face das diferenças sociais, físicas e de classe. Fazendo um adendo à construção de políticas públicas, fundamentais para a garantia dos direitos básicos, mantenedores das mínimas condições de existência desses indivíduos. Poderemos visualizar os desdobramentos territoriais migratórios, onde claramente se observa uma concentração atual da prostituição nas áreas centrais, para o entendimento desses processos, foram realizadas pesquisas de campo, e diversos encontros com os agentes promotores desse subemprego. Foi necessário um resgate da história dessa comunidade e de todos os processos que se sucederam a partir de suas vivências na criação dos territórios acometidos a essa prática.

**Palavras-chave:** Travestis e transexuais; Territórios da prostituição; Políticas públicas.



## ABSTRACT

The present work has as main objectives the construction of the discussion of the spatialization of LGBTQI + prostitution in the city of Ituiutaba MG, presenting the mapping of the time frame of 20 (twenty) years for a better understanding of these territories and the arrangements and dynamics of this underemployment. This paper is not intended to judge this informal profession as being right or wrong, but to understand the social constructs that condemn the individual (transvestites and transsexuals) to the burden of this function. The construction of the debate on social behavior in the face of social, physical and class differences. Making an addendum to the construction of public policies, fundamental to the guarantee of basic rights, maintaining the minimum conditions of existence of these individuals. We will be able to visualize the migratory territorial developments, where it is clearly observed a current concentration of prostitution in the central areas, for the understanding of these processes, field researches were accomplished, and several meetings with the promoter's agents of this underemployment. It was necessary to rescue the history of this community and all the processes that followed from their experiences in the creation of the territories affected by this practice.

**Palabras-clave:** Shemales and transsexuals; Territories of prostitution; Public policy

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Mapa de Localização da cidade de Ituiutaba – MG.....	24
<b>Figura 02:</b> Rotatória da Rua 36 (trinta e seis) com ruas Geraldo Alvares Tavares.....	26
<b>Figura 03:</b> Avenida 3.....	27
<b>Figura 04:</b> Posto Gardênia.....	27
<b>Figura 05:</b> Posto Gardênia.....	28
<b>Figura 06:</b> Rua 36.....	29
<b>Figura 07:</b> Rua 36.....	29
<b>Figura 08:</b> Avenida 7 (sete), cruzamento com a rua 28 (vinte e oito).....	30
<b>Figura 09:</b> Avenida 7 (sete), cruzamento com a rua 28 (vinte e oito).....	30
<b>Figura 10:</b> Avenida 19 (dezenove) com ruas 34 (trinta e quatro) .....	31
<b>Figura 11:</b> Avenida 19 (dezenove) com ruas 36 (trinta e seis).....	31
<b>Figura 12:</b> Avenida 31 (trinta e um) entre ruas 8 (oito) e 12 (doze).....	32
<b>Figura 13:</b> Avenida 31 (trinta e um) entre ruas 8 (oito) e 12 (doze).....	32
<b>Figura 14:</b> Cruzamento da Avenida Napoleão Faissol com Avenida 17 (dezesete).....	33
<b>Figura 15:</b> Cruzamento da Avenida Napoleão Faissol com Avenida 17 (dezesete) até o cruzamento da Napoleão com rua Joaquim Teodoro de Carvalho.....	33
<b>Figura 16:</b> Avenida 17 (dezesete) com Rua Uberlândia.....	34
<b>Figura 17:</b> Maria de Barros.....	35
<b>Figura 18:</b> Maria de Barros.....	35
<b>Figura 19:</b> Palmeira Clube.....	36
<b>Figura 20:</b> Palmeira Clube. ....	36
<b>Figura 21:</b> Espacialização da prostituição 1998 em Ituiutaba – MG.....	40
<b>Figura 22:</b> Espacialização da prostituição 2008 em Ituiutaba – MG.....	41

**Figura 23:** Espacialização da prostituição 2018 em Ituiutaba – MG.....43

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01:</b> Espacialização dos pontos de prostituição 1998 em Ituiutaba – MG.....	40
<b>Quadro 02:</b> Espacialização dos pontos de prostituição 2008 em Ituiutaba – MG.....	42
<b>Quadro 03:</b> Espacialização dos pontos de prostituição 2018 em Ituiutaba – MG.....	41

## **LISTA DE SIGLAS**

**AV** – Avenida

**BR** – Rodovia

**CASEMG** – Companhia de Armazéns e Silos do Estado de Minas Gerais

**CDH** – Comissão de Direitos Humanos

**HIV** – Human Immunodeficiency Virus

**LGBT** – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

**LGBTQI+** – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexuais e mais

**MG** – Minas Gerais

**UFU** – Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

<b>1. ANTES DE COMEÇAR, É PRECISO ESCLARECER: porquê prostituição? Porquê travesti? Um tema, uma vida, minha vida!.....</b>	<b>07</b>
<b>2. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>3. A CIDADE E A PROSTITUIÇÃO TRAVESTI.....</b>	<b>14</b>
<b>4. A LOCALIZAÇÃO DO TRABALHO TRAVESTI: a produção da invisibilidade social na cidade.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1. Os territórios da vida travesti: práticas sociais e os espaços de sobrevivência.....</b>	<b>26</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>48</b>

## **1. ANTES DE COMEÇAR, É PRECISO ESCLARECER: porquê prostituição? Porquê travesti? Um tema, uma vida, minha vida!**

Decidi escrever sobre a prostituição por motivo bem simples, eu sou travesti, e como travesti que sou, fui questionada sobre não ser um dos agentes da prostituição, questionada sobre o porquê de ser umas das poucas tendo acesso à universidade pública federal, e eu também me questionei sobre o porquê elas (demais travestis) não estariam trilhando os mesmos caminhos que eu, a prostituição sempre esteve associada a esse grupo, enquanto deveria estar associada primeiramente à luta de classes sociais e a uma estrutura política cerceada por dogmas religiosos, esse conjunto de fatores, associada a falta de estrutura familiar as coloca em frente ao único subemprego que a sociedade entende como sendo alternativa ao indivíduo que subverte a ordem social do gênero.

Eu, com apenas 14 (quatorze) anos, me assumi como homossexual, ainda dentro dos padrões da heteronormatividade, trabalhei formalmente durante alguns anos, mais o desejo de deixar esse padrão se tornava cada vez mais forte, mais latente, foi então que me aproximei das primeiras pessoas travestis e transexuais, numa busca por respostas, ou mesmo de alento para duvida de transitar entre os gêneros. Não diferente daquilo que já tinha ouvido, eram prostitutas, todas periféricas, negras ou descendentes de pais negros, mas essa reflexão ainda não fazia parte das minhas construções intelectuais naquele momento. Após primeira aproximação, comecei a me encantar com o mundo da prostituição travesti, as roupas, os sapatos, imagina poder estar com aqueles trajes na rua todos os dias? A busca pelas formas femininas, eu as via fazer qualquer coisa pela busca do padrão de um corpo considerado o mais feminino possível, tudo aquilo me fazia questionar: Quanto vale a felicidade?

Esse ano faz exatamente 12 (doze) anos que me inseri na comunidade LGBTQI+, assisti a processos incríveis de transformação, tanto dos indivíduos, quanto da cidade de Ituiutaba em relação a aquelas que estão na condição de prostitutas, assisti varias de nossas irmãs serem assassinadas por motivos banais, eu vivi mais de uma década da prostituição, não como prostituta, mais como admiradora da força daquelas meninas, que vendiam seus serviços muitas vezes para dar o alimento para seus familiares, vocês não sabem o quanto essa condição é excludente, eu não tenho a intenção de fazer deste trabalho um “muro das lamentações”, mais preciso que todos saibam que elas existem, que amam, que tem sonhos, que sentem na pele toda a humilhação a que estão expostas pela falta de oportunidades dignas. Nós precisamos falar da prostituição, não apenas como mazela social, mais como um grito de alerta sobre pessoas invisibilidades na microrregião e na espacialização da cidade de Ituiutaba – MG.

Eu sempre ia para os “pontos” porque queria estar perto delas, vendo todo o desempenho de seus ofícios, queria saber quem consumia aqueles serviços, uma notória curiosidade sobre o “submundo”, eu não fazia parte do “normal” eu queria estar fora dos padrões com elas, mais não queria praticar o subemprego, é cômico, mais a prostituição é atrativa, é deslumbrante, é um engano. Eu tive acesso a muitos sabores, a muitos acontecimentos que me fizeram por várias vezes duvidar da capacidade humana do respeito pela vida, vi serem humilhadas apenas por estarem ali, trabalhando. Baldes com caramujos foram lançados sobre elas, pedras, agressões físicas e morais, toda sorte de abusos eram cometidos durante a realização dos programas, eu assisti muitas amigas adoecerem de diversas formas, por cirurgias realizadas por clínicas clandestinas, com procedimentos usando o tão falado silicone industrial, distúrbios de alimentação, colapsos pelo uso excessivo de hormônios para mudarem rapidamente seus corpos, com diversas doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o HIV, com depressão, algumas tive a infelicidade de “ajudar a enterrar”.

Eu não poderia deixar a universidade sem deixar na academia uma “oração pela vida”, eu não devo isso a elas (prostitutas), devo a mim, eu preciso dormir em paz. Eu sou uma aluna de notas razoáveis, eu amo geografia física, poderia ter falado sobre a “cana”, mais eu enxergo emergências, dinâmicas que não podem esperar, não por pena, mais por respeito a aqueles que não têm muitas opções.

Eu sempre procurei ajudar a comunidade LGBTQI+ da cidade de Ituiutaba, com amparo da universidade, conquistamos inúmeros avanços a nível local, inclusive, o maior coletivo da comunidade foi criado na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, nomeado como o Coletivo As Cores do Pontal, onde fui vice-presidente por dois anos, e antes disso, já lutava contra a homofobia e todas as formas de opressão. E esse trabalho é resultado das minhas vivências e observações desse subemprego.



## 2. INTRODUÇÃO

A cidade é um espaço produzido pela exclusão, sabemos que o espaço das cidades é uma construção conjunta e distinta, o produto urbano é o resultado de múltiplas interações e os dinâmicas sociais, poderemos olhar a cidade com um olhar crítico, para, assim analisarmos alguns processos sócios espaciais fomentados principalmente pelo capitalismo.

Para tanto, um recorte de 20 (vinte) anos 1998-2018 foi fundamental para o melhor entendimento dessa pesquisa, e, dentro desse recorte temporal, o subemprego da prostituição das travestis, a segregação espacial e as dinâmicas territoriais dessa prática.

Erramos ao olhar o subemprego da prostituição como sendo o “primeiro” passo do indivíduo, e que o mesmo se “marginaliza” por seu próprio desejo. Devemos enxergar esse subemprego como enxergamos todos os outros, porém, com mais agravantes sociais, a prostituição LGBTQI+, deve ser interpretada como o resultado de uma estrutura política e social atrelada ao fundamentalismo religioso em face do capitalismo, ou seja, o indivíduo, não apenas tem práticas sociais reprovadas, mas também, carrega um estigma religioso histórico que o lhe pré-julga como inadequado à sociedade como um todo. Essa reprovação lhe garantirá o não acesso a sociedade de forma integral, como por exemplo, empregos formais, bens e serviços, resultando em desigualdade e menores oportunidades.

Não de maneira aleatória, levanto um breve questionamento, se as oportunidades sociais não são iguais entre as classes, se a comunidade gay de forma geral não está inserida de maneira igualitária nas dinâmicas sociais, como seria o acesso das travestis que se prostituem ao espaço da cidade? Como e porque os “pontos de prostituição” se comportam de forma migratória? Porque demoramos tanto a enxergar o subemprego da prostituição, mesmo que o víssemos diariamente?

Recorreremos à ciência geográfica e a seus teóricos para tentar não explicar, mais começar a enxergar e fazer associações que possam basear futuros estudos, compreensões e resultados para entender a prostituição LGBTQI+ e suas geograficidades na malha urbana.

O Brasil, país considerado emergente, potencialmente em desenvolvimento, apresenta um histórico marcante, de um dos países que mais se mata indivíduos da comunidade LGBTQI+ no mundo, crimes de ódio, motivados pela fobia instituída por dogmas religiosos e sociais, é preciso abandonar os conceitos pré-estabelecidos, voltar-se para o que de fato são os processos históricos e sua relevância para a configuração social e espacial das cidades. É preciso questionar sobre a “verdade” por trás desses arranjos de determinados grupos, como é o caso das prostitutas que ocupam as áreas segregadas das cidades, suas contribuições, suas vivências

e desafios dentro desse subemprego. O desafio dessa pesquisa é observar a temática em face da geografia, para interpretarmos a prostituição à luz da ciência e não dos conceitos sociais já estabelecidos.

Questionar-se sobre políticas públicas e sua efetividade é fundamental para o entendimento de dinâmicas sociais, da exclusão ou da inserção de pessoas e grupos nas relações da sociedade como um todo, poderemos contextualizar algumas ações por parte do estado brasileiro, que podem ter contribuído ou influenciado nessas relações dentro do recorte 1998-2018 no que tange as dinâmicas da prostituição LGBTQI+. Faz-se necessário o entendimento de todos os fatores para que haja a melhor compreensão das temáticas abordadas.

Em linhas gerais o objetivo dessa pesquisa é entender os processos sócio espaciais que resultam na prostituição travesti, não é o de justificar o subemprego da prostituição e nem de julgá-lo como sendo certo ou errado, mas de entender os processos que resultam essa prática que é considerada uma mazela social, vista como opção do indivíduo marginalizado.

É o entendimento das áreas incorporadas por essa prática, é da interpretação dos processos migratórios desse subemprego, é de olhar a prostituição como resultado de uma somatória de processos sociais e políticos, que resultam na condição de segregação espacial enfrentada pelos indivíduos que se prostituem como alternativa para sua sobrevivência. O objetivo é a melhor compreensão desses processos, não na sua amplitude, mais na particularidade da localidade em questão, com um grupo específico e suas dinâmicas associadas à segregação espacial e territorialidades atreladas à prostituição “de rua”.

Dentro do que tange os objetivos específicos, encontra-se o da verificação e constatação da dinâmica espacial através dos mapeamentos e o de explicar o processo migratório dos territórios desse subemprego na cidade de Ituiutaba – MG.

Torna-se também objetivos dessa pesquisa, a responsabilidade científica, social, e o compromisso com os indivíduos aqui representados, o respeito pelas suas vivências, o respeito pelos seres humanos, que nesta pesquisa contribuem com o direcionamento do conhecimento formal e teórico usando seus próprios corpos.

Faz-se também objetivo desta pesquisa, a construção do debate acerca de políticas públicas e de suas contribuições para a melhoria das condições dessa comunidade, mesmo que não possamos mensura-las. Torna-se objetivo desse breve estudo, o repúdio à homofobia, pois a partir dele, teremos uma melhor interpretação sobre o subemprego da prostituição LGBTQI+ e de seus agentes na cidade de Ituiutaba – Minas Gerais.

A ciência geográfica, tendo como foco as interações entre a sociedade e a natureza também deve ser uma protagonista nos estudos que tangem relações entre os indivíduos

promotores dos arranjos sociais e espaciais no âmbito das cidades, como se formam os arranjos espaciais do subemprego da prostituição? Como a ciência geográfica pode contemplar um olhar científico e social sobre os indivíduos produtores desses espaços?

Nós, agentes produtores do conhecimento científico geográfico, temos o papel fundamental da observação desses processos para melhor compreendê-los, e analisá-los, a fim de questionarmos os modelos sociais impostos sobre os corpos e vidas dessas pessoas, para garantirmos o afastamento da ciência e da política de dogmas morais e religiosos que coloca em risco a integridade física, social e psicológica desses indivíduos.

Para atender aos objetivos da pesquisa, o procedimento metodológico adotado partiu inicialmente do levantamento das bases teóricas que cercearam a produção do tema e o entendimento daquilo que se buscou debater enquanto produção do conhecimento científico geográfico e social, em especial, na cidade de Ituiutaba – MG. As etapas seguidas para essa construção foram: (1) Leitura teórica dos conceitos utilizados para nortear o desenvolvimento da pesquisa, entrevistas informais, pois as pessoas entrevistadas não quiseram expor sua intimidade no que tange sua atuação, participação e práticas dentro da prostituição; (2) Pesquisas de campo a todas as localidades descritas pelos agentes da prostituição envolvidos nesse trabalho; (3) A utilização de fotografias (como apêndices) como categoria de análise dessas localidades; e, (4) A produção de mapas que representem a dinâmica dos “pontos de prostituição” no recorte temporal utilizado 1998-2018.

A marginalização, que do dicionário, substantivo feminino, 'ato ou efeito de marginalizar-se; ou seja, se colocar ou ser colocado às margens, que nesse caso, as margens da sociedade. O que nos remete a pensar sobre que o grupo em questão, assim como outros, sofre um efeito de força centrífuga (do centro para as bordas) por parte dos agentes reprodutores da sociedade, o colocando na condição “do não acesso ao centro”, ou seja, das condições igualitárias da existência da dignidade “concedida” aos grupos não marginais.

Ainda, segundo Corrêa (1989), a cidade enquanto lugar de inúmeros processos sociais estimulados pela ação capitalista, reproduzem formas espaciais, ou seja, criam atividades que se materializam nos espaços, articulados esses processos, traduzem-se na organização espacial desigual e mutável das cidades.

Trazendo a reflexão para mais próximo desse trabalho, pude observar, em trabalho de campo os contrastes sociais e espaciais e a realidade em que os grupos da prostituição LGBTQI+ de Ituiutaba estão inseridos. Localidades espaciais especialmente segregadas com pouca iluminação, consideradas perigosas por riscos de crimes como assaltos e homicídios. Mas de fato, quando começa a exclusão desses grupos? Já estariam por um infortúnio, fadados a

mazela? Para tanto, é necessário recordar os processos sociais mais amplos da construção da identidade da sociedade brasileira, onde padrões se impõem diariamente sobre a dinâmica de vivência das pessoas, onde não se encontra espaço entre as diferenças sociais, físicas, religiosas e entre tantas mesclas que compõe o mosaico da existência humana; É então que se faz necessário compreender as forças atuantes, não sobre o processo de forma geral, mas sobre o indivíduo marginalizado, do íntimo de suas experiências, da ótica do ser, em face da exclusão e do subemprego da prostituição.

Para tal entendimento, propus que houvesse entrevistas com prostitutas e ex-prostitutas desse segmento, e o ato de se prostituir, pelo entendimento das mesmas é, só a materialização de toda uma dinâmica de exclusão que começa desde a adolescência complexa e cercada de desarranjos com os padrões estabelecidos para “meninos” e “meninas”, uma dor que começa desde a escolha entre o “rosa” e o “azul”, que culmina num desconforto familiar, cerceado por dogmas sociais e religiosos, resultando em exclusão familiar e na redução das oportunidades, uma vez sem amparo (moradia, alimentação, etc...). Essas pessoas se veem diante do subemprego que “lhes cabe”, a prostituição. O que me deixou surpresa, uma vez que sempre olhei para a prostituição como sendo o primeiro dos processos, e não o resultado dos mesmos.

Os “pontos” de prostituição sempre foram alvo de piadas, estas que me incomodavam e me faziam questionar: “por quê aquelas pessoas estavam ali? Por quê aqueles espaços? Como eram decididas aquelas localidades?”. Não é tão somente o indivíduo que se prostitui quem determina sua dinâmica territorial, são as formas de opressão, de perseguição, é o abandono por parte das políticas públicas, é a força centrífuga, é a homofobia, é a raiz social com bases “morais” e religiosas, somos todos nós os responsáveis, talvez não direta e conscientemente, mas pela fração de omissão, por tratarmos tão pouco de temas como esses. Não se escolhe quase nada nesse subemprego, o desafio é voltar para casa com a integridade física preservada.

Decidi “recortar o tempo”, buscar relatos dessas dinâmicas (segregação espacial e dinâmicas territoriais) a partir do ano de 1998, uma vez que Marcelo Lopes de Souza afirma que,

“... a organização espacial está sempre mudando. Às vezes mais rapidamente; às vezes mais lentamente. E não apenas mudando: está, também, sendo desafiada em diferentes escalas. Para cada “ordem” sócioespacial aparecerá, mais cedo ou mais tarde, ao menos em uma injusta e heterônoma, um contraprojeto (ou vários contraprojetos concorrentes) que proporá ou pressupõe, explícita ou implicitamente, novas estruturas socioespaciais, para agasalhar novas relações sociais”. (2013, p.38).

Com base teórica em trechos dessa obra, decidi analisar a prostituição e sua dinâmica espacial e territorial até o ano de 2018 (dois mil e dezoito). Uma vez que esses arranjos estão em constante transformação, cabe também à ciência geográfica suas análises e considerações.

### 3. A CIDADE E A PROSTITUIÇÃO TRAVESTI

Estudos recentes tratam, como sendo uma das alternativas de sobrevivência para uma boa parcela da população, majoritariamente urbana, que segregada e excluída dos benefícios da vida urbana, encontram na prostituição, uma estratégia de sobrevivência e resistência à pobreza. Na sua maioria composta por mulheres, mas também incorporada por outros agentes, como a comunidade LGBTQI+ e tendo como principais atingidas travestis e transexuais, que de fato estão na condição de “mulheres”, em suas maiorias pobres, negras e periféricas, a prostituição não pode ser analisada apenas como um subemprego, mas como esta atividade é incorporada socialmente pelos indivíduos.

Segundo Irma Elizabeth Chazarreta, em seu artigo publicado na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 233 - 255, jan./jun. 2019, a prostituição não pode ser observada como processo homogêneo, apesar de ser um fenômeno mundial, pois ela não se apresenta das mesmas formas e nem em localidades (periferia ou centros), mas precisa ser estudada como “caso” porque cada formato da prostituição apresenta particularidades e peculiaridades dentro do mercado do sexo, cada uma em um cenário diferente.

Em análise ao texto da autora, pude perceber que, mesmo se tratando de outro país, outra cidade (Santiago), a prostituição se comporta da mesma maneira, ou seja, excludente e humilhante, como se fosse vista como “castigo” para aqueles que subvertem a ordem social do gênero, e que nada se faz a respeito, como se o destino dessas pessoas fosse imutável.

Seria, inclusive, irresponsabilidade tratar da prostituição sem abordar também os conflitos de gênero, a desigualdade social histórica vivida pela mulher a nível global, sem antes, resgatar as condições socioeconômicas estabelecidas para as classes, e lembrar que a pobreza não é uma escolha, já se nasce inserido num contexto social. Mesmo que passível de mudanças, a realidade é ainda mais dura com travestis e transexuais, uma vez que além de “se colocarem” socialmente como mulheres, ainda carregam o estigma religioso, que justifica a homofobia e toda forma de opressão, onde o estado como gestor se ausenta resultando em oportunidades mínimas de existência, e agora lhes pergunto: a prostituição, nas classes socioeconomicamente vulneráveis lhe parece ser uma escolha satisfatória?

Não estou tratando aqui do conceito romântico do subemprego, dos grandes cassinos, casas noturnas francesas da década de 1950-1980, e sim lhes trago a reflexão sobre a prostituição como única alternativa de sobrevivência, no perigo das esquinas e becos, das

dinâmicas assustadoras de cafetinagem, de uma prostituição periférica e altamente segregada e discriminatória, protagonizada por agentes de um dos segmentos sociais mais hostilizados entre as sociedades contemporâneas. Como a ciência geográfica poderia contribuir para que minimamente esses indivíduos fossem inseridos, não apenas em empregos formais, mais em condições reais de uma vida com qualidade, da atenuação ou erradicação de riscos associados às suas escolhas, como transformar, mesmo que minimamente a realidade desses grupos, talvez não de forma utópica, mais nas localidades onde temos o acesso, o conhecimento?

Essa é uma temática recente, estudos sobre essa condição de sobrevivência ainda caminham a passos lentos, pouco se sabe, mais é animador pensar que aqui estamos fazendo geografia e diversas outras ciências dentro das cidades, para que possamos entender os processos, para sabermos como agir a fim de proporcionarmos melhorias para os indivíduos que se prostituem.

Ainda com base nas produções científicas apresentada na revista Latino-americana de Geografia e Gênero, pude agregar considerações sobre como a sociedade limita simbolicamente o indivíduo ao uso dos espaços, sejam eles públicos ou privados.

O texto de Ana Paula de Moura Varanda, Matheus Vieira Barbosa, Leonardo Gomes de Souza, Jeferson Jose de Oliveira Pinheiro (2019) trata justamente dessas considerações, e nos trazem reflexões do como se estruturam os espaços a partir de condutas sexistas apoiadas pelo patriarcado e a falta de preparo da educação e do estado na obra “Gênero e Sexualidades na Construção de Espacialidades das Juventudes em Carangola – Minas Gerais.” Uma proposta de reflexão acerca de como movimentos de segregação se empõem sobre determinados grupos resultando em processos de exclusão social em diferentes escalas.

Podemos observar, mesmo que de maneira inicial, que a prostituição está diretamente associada à etnia, a vulnerabilidade socioeconômica e ao gênero, nos fazendo refletir sobre as bases sociais sexistas e as classes sociais onde o indivíduo está inserido.

Ao indagar a prostituição como sendo resultado de processos de exclusão social e segregação espacial, é fundamental o amparo teórico geográfico para o maior entendimento desses processos. Para tanto devemos compreender que,

(...) a organização espacial está sempre mudando. Às vezes mais rapidamente; às vezes mais lentamente. E não apenas mudando: está, também, sendo desafiada em diferentes escalas. Para cada “ordem” sócio espacial aparecerá, mais cedo ou mais tarde, ao menos em uma injusta e heterônoma, um contraprojeto (ou vários contraprojetos concorrentes) que proporá ou pressupõe, explícita ou implicitamente, novas estruturas socioespaciais, para agasalhar novas relações sociais”. (SOUZA, 2013, p.38).

E se estamos tratando de novas relações sociais, precisaremos nos questionar sobre as relações já estabelecidas, sobre aquilo que está disposto como sendo adequado, aceitável para a dinâmica de relações sociais, e como deveremos observá-las a fim de contemplar as relações oriundas da exclusão, só assim vislumbraremos dinâmicas encobertas por políticas escusas e ludibriadas por dogmas religiosos, ocasionando danos irreversíveis a classes marginalizadas. Neste sentido,

Avento aqui a hipótese de que em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para que esta identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado pelas relações de poder” (CASTELLS apud SOUZA, 2008. p. 23-24).

Utilizando-se da ciência geográfica para identificação desses processos, é necessário que seja levado em consideração, a formação dos espaços urbanos e as relações do protagonismo social, das relações de poder, das políticas públicas, como bem nos assinala Correa (2005), considerando que,

“É na produção da favela, em que terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos se tornam, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, sobrevivência às diversidades impostas aos grupos sociais recém expulso do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas a operações de renovação que lutam pelo direito à cidade” (CORRÊA, 2005. p.30).

E se os conceitos geográficos nos traduzem as relações sociais como sendo a principal responsável pela criação dos espaços de interação social, tão somente a sociedade que exclui, segrega e marginaliza é responsável pela produção de territórios, tais como da prostituição, como resposta à exclusão e a falta de oportunidades, não com o olhar carregado das bagagens culturais, do empírico preconceito que trazemos das construções sociais, mas da geograficidade, da “clareza da ciência”.

“As desigualdades de gênero incidem sobre diferentes dimensões das relações sociais, com reflexos expressivos nas estruturas ocupacionais dos países e nas trajetórias



educacionais e profissionais das mulheres e sujeitos que demonstram sexualidades e identidades de gênero que destoam do padrão heteronormativo e patriarcal dominante.

(VARANDA et all, 2019, p.10).

Não poderemos ignorar os desdobramentos sociais e os indicativos diários do massacre vivido por grupos sociais e da ausência de políticas públicas que lhes inclua ou minimamente garanta sua integridade física, onde:

“Aprópria separação entre estas esferas surge como um traço do caráter patriarcal do Estado liberal. Desta forma, a vida doméstica é tomada como privada e apartada da sociedade civil e destituída de qualquer sentido político. Esta dicotomia atua de forma ativa na invisibilização dos modos como as mulheres são subjugadas aos homens no interior de uma ordem que se faz crer igualitária. Nesta ordem a vida pública e a participação em instâncias da sociedade civil são construídas sob princípios que, apesar de aparentemente serem apresentados como universais, têm como referência indivíduos brancos e de sexo masculino” (VARANDA, 2019).

E ao considerar o devido afastamento do aparelho do estado da construção de políticas com bases religiosas e acima do conhecimento científico, para tanto deveremos olhar para os arranjos sociais atentos à aos perigos reais da desigualdade e do não acesso à dignidade humana. De acordo com BUTLER apud ADORNO:

“Nada é mais degenerado do que o tipo de ética ou moral que sobrevive na forma de ideias coletivas mesmo depois que o espírito do mundo—usando a expressão hegeliana como atalho — cessou de nelas residir. Uma vez que o estado da consciência humana e o estado das forças sociais de produção abandonaram essas ideias coletivas, essas mesmas ideias adquirem qualidades repressoras e violentas. O que obriga a filosofia a realizar esse tipo de reflexão que expressamos aqui é o elemento de compulsão que deve ser encontrado nos costumes tradicionais; é essa violência e esse mal que colocam os costumes em conflito com a moralidade e não o declínio dos princípios morais como pranteado pelos teóricos da decadência.” BUTLER apud ADORNO, Theodor, W. p. 8. 2002.

Segundo Judith Butler, existe um princípio de moralidade nas construções sociais imposto por condutas de opressão, agressividade e não podemos ignorar tais conceitos, muito menos no que se tange à prostituição de pessoas travestis e transexuais, onde não apenas a prática da prostituição é levada à discussão, mas também diversos outros conceitos pré-formados, estigmas sociais e religiosos, tendem a excluir com “razão” aqueles que não se encaixam em padrões socialmente estabelecidos. Contudo Butler (2015) acrescenta que:

“Adorno usa o termo “violência” em relação à ética no contexto de pretensões de universalidades. Ele oferece ainda outra formulação para o surgimento da moral, que é sempre o surgimento da moral, que é sempre o surgimento de certos tipos de inquisições morais: O problema social da divergência entre o interesse universal e o interesse particular, os interesses de indivíduos particulares, é o que se dá à constituição do problema da moral deixa de concordar com o individual ou de incluí-lo, e a própria pretensão de universalidade ignora os direitos do indivíduo. ” (BUTLER, 2015, p. 9).

A princípio, a ciência geográfica contempla as primeiras interpretações dessa temática, na sequência, outras correntes tem o papel de conduzir nosso olhar para uma constatação com viés social, do indivíduo e das particularidades que engloba o subemprego da prostituição, e na obra de Butler (2015) “Relatar a si mesmo”, nos remete a uma reflexão sobre as dinâmicas sociais de interação, na qual as construções individuais são fundamentais para a construção de uma sociedade como um todo:

Se o “eu” não está de acordo com as normas morais, isso quer dizer apenas que o sujeito deve deliberar sobre essas normas, e que parte da deliberação ética está intimamente ligada à operação da crítica. E a crítica comprova que não se pode seguir adiante sem considerar como se dá a existência do sujeito deliberante e como ele pode de fato viver ou se apropriar de um conjunto de normas. (BUTLER, 2016, p.11).

Quando um determinado grupo não se encaixa nos arranjos sociais, tende a criar territórios que contemplem à identidade e as vivências dos indivíduos pertencentes às mesmas condições de existência, como no caso desse trabalho, que contempla os territórios da prostituição LGBT. Desta forma, poderemos analisar que a exclusão por motivos sexuais e de gênero não apenas ocorrem no Brasil, mas tem na sua totalidade uma infeliz abrangência a nível mundial, na qual:

“La homofobia, es otra forma en la que se expresa el machismo, concentra actitudes y acciones hostiles hacia las personas trans feminizadas y haciaaquellas que se sienten atraídas poralguien del mismo sexo. La masculinidad dominante es intolerante para con la homosexualidad. Y como en las otras formas de sexismo, la violencia contra ellas se considera legítima, incuestionable y justificada. Tiene sus raíces en la discriminación histórica y la ausencia de derechos que han sufrido y continúan padeciendo (VARELA, 2005, p. 243).

E:

Se expresa a través de conductas y actitudes basadas en un sistema de creencias sexistas y heterocentristas, que tienden a acentuar las diferencias apoyadas en los estereótipos de género, conservando las estructuras de dominio”. (CHAZARRETA apud CHAHER y SANTORO, 2007, p. 163).

Diante daquilo que já analisamos diante do subemprego da prostituição, não poderemos deixar de lado o contexto em que ele está situado, nesse caso a cidade de Ituiutaba, inserida em contextos agrícolas que, desde sua formação carrega estigmas sociais e ruralidades nas suas mais fortes expressões culturais, marcada por paróquias expressivas e uma vasta gama de igrejas majoritariamente cristãs, fatos esses que contribuem para que pessoas que estão fora desse perfil social e crença sejam friamente excluídas das relações básicas que produzem o espaço e suas dinâmicas sociais. Segundo Hasbaert (2004) em sua obra “Da desterritorialização a multiterritorialidade”

“O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (HASBAERT, 2004, p. 157.)

Assim, podemos entender a territorialidade travesti como sendo legítima e estruturada dentro de suas dinâmicas, organizada e engajada na sua pluralidade, acolhedora e excludente, com relações de poder, de hierarquia e de articulações entre os territórios. Essas características não se furtam a tantas outras, mas o fato é ter o indivíduo produtor altamente segregado, fazendo com que seus territórios e suas vivências sejam tratadas com menor importância, compreendendo que

“Para falar em multiterritorialidade precisamos, em primeiro lugar, esclarecer o que entendemos por território e por territorialidade. Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva “apropriação” (HASBAERT, 2004, p. 300).

Haesbaert (2004) confirma que território, assim, em qualquer acepção, tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional “poder político”. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Esses territórios são escolhidos por diversos fatores, localização, fluxo de pessoas, acesso a localidades vinculadas a prática do subemprego da prostituição, que podemos entender como localidades criadas como um manifesto dessa categoria, uma alternativa para a resistência de sua existência. E a sua permanência marca na sociedade como um todo, um alerta para mazelas que não poderemos ignorar em Ituiutaba, pois como nos lembra Hasbaert (2004, p.3):

“Todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (como é o caso do petróleo no atual modelo energético capitalista).

O trecho acima claramente nos remete a reflexão de que também os territórios da prostituição travesti possuem na sua estrutura, não apenas o subemprego, mas o caráter simbólico, um sentimento de pertencimento, onde:

“(…) a existência do que estamos denominando multiterritorialidade, pelo menos no sentido de experimentar vários territórios ao mesmo tempo e de, a partir daí, formular uma territorialização efetivamente múltipla, não é exatamente uma novidade, pelo simples fato de que, se o processo de territorialização parte do nível individual ou de pequenos grupos, toda relação social implica uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Em certo sentido, teríamos vivido sempre uma “multiterritorialidade”. (HAESBAERT, 2004, p. 344).

Dessa forma, poderemos ter uma breve contextualização sobre as dinâmicas territoriais e espaciais que tangem os processos de exclusão e segregação acometidos a essa parcela de indivíduos excluídos nos arranjos sociais.

Na cidade de Ituiutaba – MG não se fazem diferentes os processos, como pude constatar em reuniões com as transexuais, que suas vivências são um histórico de exclusão, desde a família até o âmbito social comum, que o sentimento de não pertencimento a cidade, por exemplo, é algo comum entre elas, como veremos a seguir.

#### **4. A LOCALIZAÇÃO DO TRABALHO TRAVESTI: A PRODUÇÃO DA INVISIBILIDADE SOCIAL NA CIDADE**

O espaço geográfico é empiricamente associado à superfície terrestre, ignorando algumas relações que se estabelecem no processo de criação do convívio social e para tanto o foco desse espaço deve ser ampliado, reduzindo o olhar aos espaços específicos oriundos dessa dinâmica, vislumbrando o espaço além das formas geográficas primárias, como por exemplo, as dadas feições naturais (relevo, clima, hidrografia, vegetação, solo), sem é claro ignorar as relações sociedade/natureza.

É comum à análise da ocupação humana e suas relações serem secundarizadas nos processos da investigação científica da ciência geográfica, e também na maneira como esse conhecimento chega as bases da educação, de um modo geral. Existe a preocupação real, de nós geógrafos, em relação a como a ciência geográfica se dividiu, de dá importância à compreensão do como interpretar a sociedade em relação aos espaços de reprodução da sua vivência e dinâmicas, sem querer é claro, usurpar o papel das ciências específicas dessa área do conhecimento. Para tanto, é necessária a análise do espaço como sendo palco de relações sociais ativas e muito relevantes, dando assim o enfoque nas dinâmicas da sociedade e na reprodução de seus espaços de heterogeneidades, resgatando o conceito de espaço social. O espaço social, pode ser entendido então, como aquele que é produzido, apropriado e modificado pela sociedade (SOUZA, 2013).

Podemos levantar alguns questionamentos, como por exemplo, do que é a organização espacial, uma vez que, já destacada a heterogeneidade dos espaços, é preciso a compreensão, mesmo que breve desses conceitos, para o entendimento mesmo que parcial desses processos resultantes das relações sociais. Devemos analisar que:

“O conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da Terra. [C]onstituída pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social... Ou seja, a organização espacial seria o resultado da divisão espacial do trabalho associado a como está disposto a infraestrutura técnica (rodovias, saneamento, abastecimento de água e energia, etc) no espaço. Ainda sob a luz da ciência geográfica, pelos cuidados de Roberto Lobato Corrêa, questionamos: O que é o espaço urbano (?) para afunilar e direcionar ainda mais o foco deste breve estudo. (SOUZA apud CORRÊA, 2013. p.37)

Em sua obra “O espaço urbano”, Lobato Corrêa (1989), já no primeiro capítulo, nos traz reflexões de como a cidade é (re)produzida a partir do sistema capitalista. O autor nos

recorda as bases primordiais a interpretação das dinâmicas de espacialização da sociedade, da fragmentação, articulação desses espaços como sendo reflexos dos condicionantes sociais, porque todavia a cidade é o encontro de diversas classes sociais que vivem e reproduzem suas particularidades, tais como crenças, valores e mitos que se traduzem no como a cidade é produzida físico e culturalmente; sendo assim o espaço urbano assume uma dimensão simbólica para os grupos sociais ali presentes. O autor reforça a análise espacial sob a ótica das desigualdades afirmando que, um processo de fragmentação desigual do espaço gera conflitos sociais entre grupos que buscam direito igual no âmbito urbano. Após essa breve discussão, nos resta apenas questionar ainda mais sobre quem produz esse espaço, de que forma, e como manifestam suas particularidades nas localidades.

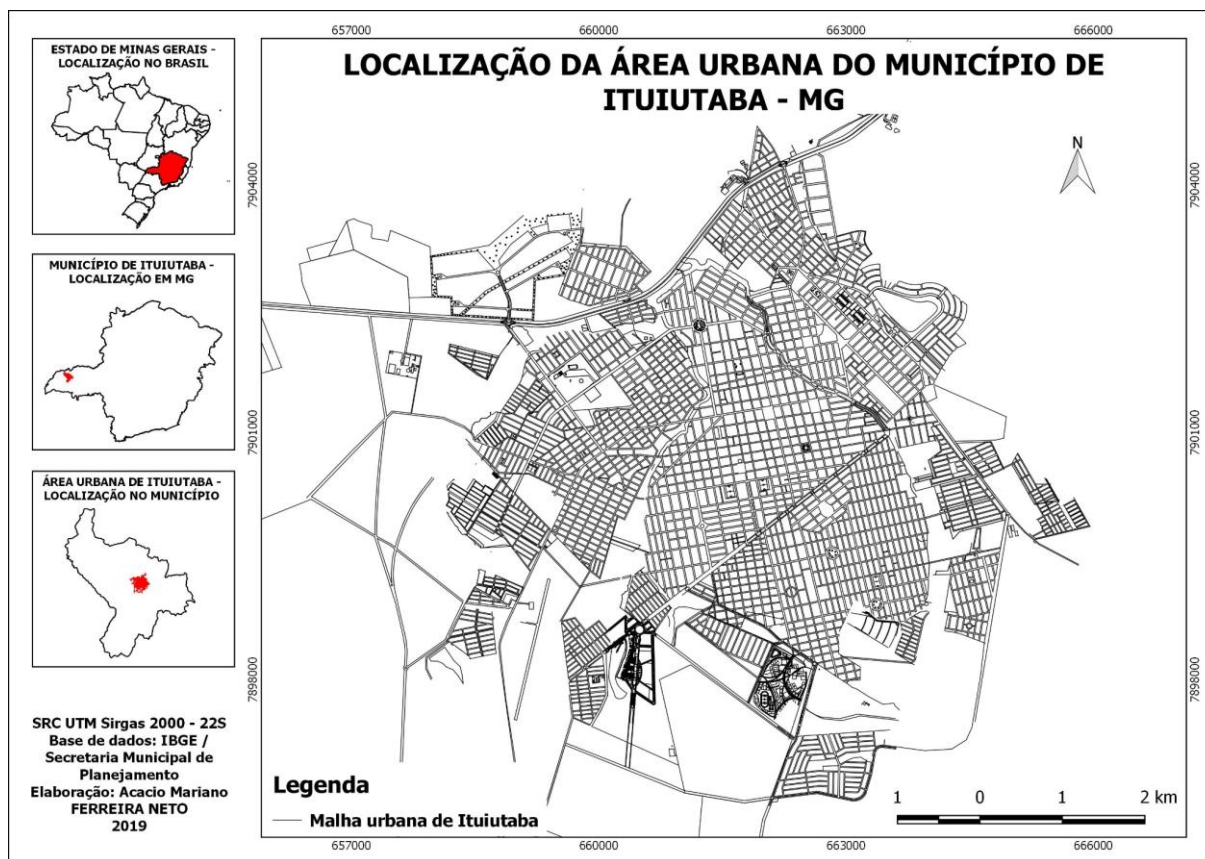
Segundo Corrêa (1898), o espaço urbano capitalista, fragmentado, articulado, condicionante social, complexo e campo de diversas lutas, é um produto da atuação social somado ao resultado das ações humanas através do tempo, interagindo com os indivíduos que produzem e consomem o espaço e a complexidade dessas ações se traduzem em notáveis processos de reorganização espacial, seja por incorporação de novas áreas, adensamento do uso do solo, deterioração de áreas, renovação de áreas, relocação e mudanças coercitivas ou não, relacionadas aos contextos sociais, culturais ou econômicos de áreas da cidade. Não de forma aleatória, podemos então acrescentar os principais produtores desses espaços para melhor compreensão das dinâmicas gerais das desigualdades urbanas, trabalhadas pelo autor em questão; a obra “O espaço urbano” nos traz, cinco principais agentes: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Representados então, podemos acrescentar algumas análises sobre os grupos e processos resultantes de suas atuações sobre o espaço das cidades. Em primeiro lugar, perceber que a sequência dos grupos ressalta seu grau de participação nessa dinâmica, onde claramente percebemos a força do capital atuando sobre o poder dos demais grupos que protagonizam o arranjo espacial. Não somente Corrêa (1898), nos traz a importância do entendimento do capitalismo sobre as relações humanas com o espaço de sua vivência, mas também diversos outros autores de relevância para ciência geográfica de modo geral, como por exemplo, Milton Santos. Diante dos cinco principais agentes apresentados, os “grupos sociais excluídos” foram escolhidos como objeto dessa pesquisa, sem é claro, ignorar os processos sociais circunjacentes, pois não podemos separar os grupos, já que fazem parte de uma complexa dinâmica de interação.

Os grupos sociais excluídos são o resultado do processo de segregação de classes a partir da reprodução capitalista, e no que se refere ao acesso de bens e serviços, o autor exemplifica essas formas de “acesso” com a básica análise de habitação, onde ressalta que nem todas as pessoas dispõem de condições de possuírem uma habitação de qualidade, resultado da ausência de renda que lhes garanta esse acesso e relaciona alguns processos de exclusão que geram a subnutrição a doenças, a falta de escolaridade, o desemprego, o subemprego, etc. Postas algumas das formas de exclusão e segregação, escolhi como foco principal deste estudo o subemprego, mais precisamente a prostituição de integrantes da comunidade LGBTQI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Apanhados da “Teoria Queer”, Intersexuais...) na cidade de Ituiutaba – Minas Gerais, Brasil, e de alguns processos de cunho territorial e social desse grupo em específico.

Ituiutaba é um município do interior do estado de Minas Gerais, localizado na região sudeste do país, com população estimada em pouco mais de 104 (cento e quatro) mil habitantes (IBGE, 2019), sua área de aproximadamente 2.598 (dois mil quinhentos e noventa oitos) km<sup>2</sup> (Figura 1). A escolha desse grupo relacionado ao subemprego não foi aleatoriamente escolhida, pois eu enquanto travesti, negra, pobre, me debrucei a questionar como a reprodução da cidade do poder do capitalismo e do como a segregação espacial contribui para onde fosse estabelecido os territórios da prostituição na malha urbana de Ituiutaba.

Figura 01 – Mapa de Localização da cidade de Ituiutaba – MG.



Levando em consideração as reproduções capitalistas impostas por grupos com maior poder econômico e de transformação espacial, conceituaremos na malha urbana da cidade em questão os territórios associados ao subemprego da prostituição, “subemprego, que do dicionário, substantivo masculino: emprego não qualificado, de remuneração muito baixa, ou emprego informal sem vínculo ou garantia”, mas antes disso, devemos entender alguns conceitos básicos, no que tange, territórios sob a perspectiva de Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza para entendermos essa dimensão geográfica. Para Souza, o conceito de território é um dos que mais vem sendo submetido, é alvo de fortes tentativas de redefinição e depuração, tal tentativa tem o viés de tornar menos amplo e mais coeso seu uso, uma vez que, território pode ser entendido, entre outros, como apenas sendo uma vasta “extensão de terra”, alertando para os vícios de natureza ideológica que rondam esse termo; Ele ressalta, que o território é “fundamentalmente, um espaço definido e delimitado a partir de relações de poder” (SOUZA apud SOUZA, 2013. p 78), visão essa, reforçada na obra “O mito da desterritorialização” de Rogério Haesbaert, onde é colocada que: “um território no sentido etológico é entendido como ambiente de um grupo (...) que não pode por si mesmo ser



objetivamente localizado, mas é constituído por padrões de interação através dos quais o grupo ou bando assegura uma certa estabilidade e localização” (HAESBAERT apud GUNZEL, 2006. p. 38).

Os pontos de vista dos dois autores ao olharem a territorialidade e a transformação dos espaços através da atuação social por grupos, nos instiga olhar o subemprego da prostituição, não apenas como resultado da segregação, mas também de toda a geograficidade que circunda esse processo na cidade de Ituiutaba e no que tange os arranjos territoriais e dinâmicas sociais de exclusão. Segundo Corrêa:

“São os processos espaciais, responsáveis imediatos pela organização espacial desigual e mutável da cidade capitalista. Acrescentar-se-ia que os processos espaciais são as forças através das quais o movimento de transformação da estrutura social, o processo, se efetiva espacialmente, refazendo a espacialidade da cidade... “ (CORRÊA,2005. p.36).

Em análise a obra de Haesbaert, “Do fim dos territórios à multiterritorialidade”, pode-se observar a descrição de algumas terminologias associadas a esse conceito de visões de territorialidades, e nesse trabalho, territorialidade associada aos grupos sociais excluídos, vítimas de processo de segregação social, resultando na criação de territórios, que nesse caso, se traduzem na criação e, ou, na manutenção dos pontos de prostituição como territórios desse grupo. Ainda, segundo Haesbaert (2004), podemos interpretar o território dentro das seguintes dimensões: política; cultural; econômica e natural. Na concepção do autor, a dimensão materialista do território está diretamente associada ao espaço físico, considera como base as relações de produção, uma porção que é apropriada do espaço (por um grupo), onde podemos também nos apropriar adiante de mais uma das vertentes básicas ao se pensar o território da prostituição, que seria a concepção territorial cultural.

Podemos assim, entender a prostituição do determinado grupo, como sendo o resultado da segregação espacial, cultural e econômica da cidade, e em resposta às diferentes formas dessa exclusão, a criação de territórios da prostituição dentro da visão territorial, material e cultural defendida por Rogério Haesbaert?

Levanto o questionamento de que a criação destes territórios da prostituição sejam uma resposta, mesmo que inconsciente no tange as dinâmicas espaciais na malha urbana em Ituiutaba – MG.

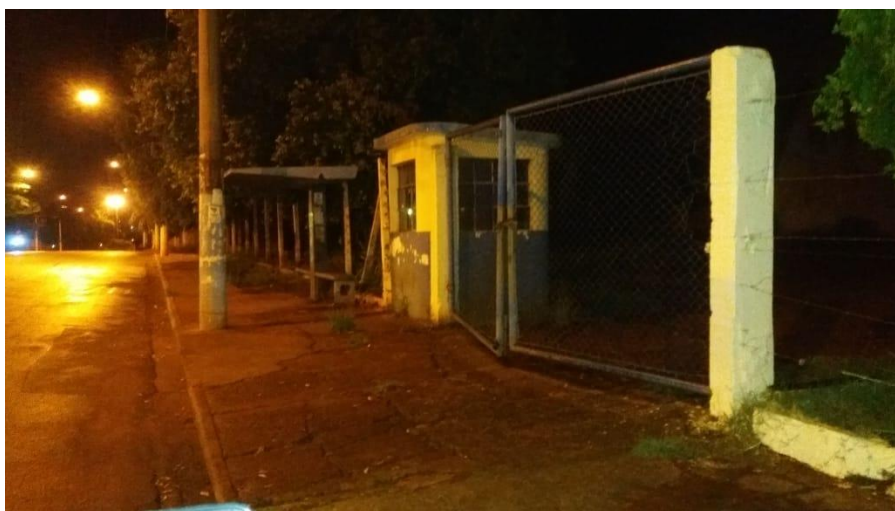
A notória espacialização, no que tange suas dinâmicas, nos dá à dimensão do quão é fundamental compreendermos os arranjos e suas incorporações e exclusões, tanto a nível social quanto dentro do próprio subemprego.

#### **4.1. OS TERRITÓRIOS DA VIDA TRAVESTI: práticas sociais e os espaços de sobrevivência**

Com base nas entrevistas informais, foi levantada algumas informações que apresentarei a seguir. A partir dos meados de 1997 (mil novecentos e noventa setes), os territórios desse subemprego, segundo as entrevistadas, localizavam-se exatamente em oito áreas específicas, sendo:

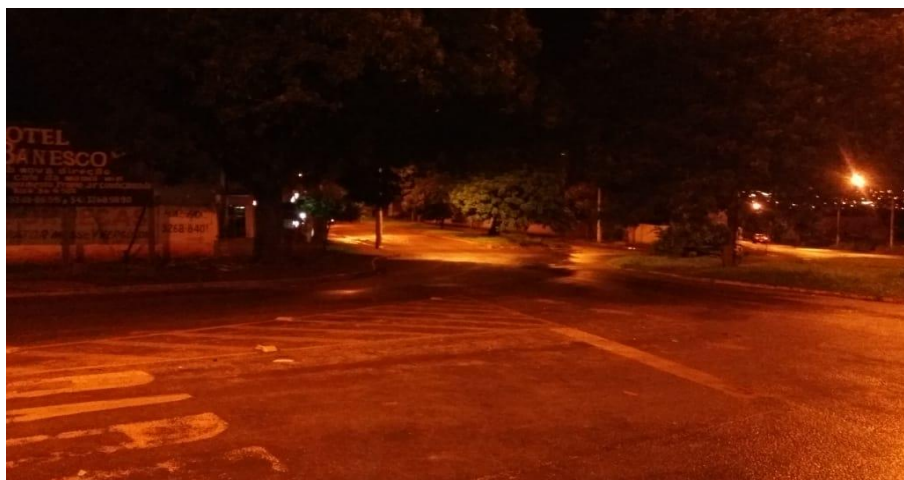
- Rotatória da Rua 36 (trinta e seis) com ruas Geraldo Alvares Tavares e Avenida 3 (três), (Figura 2 e 3); Naquele momento uma localidade considerada periférica, com logística privilegiada, pelo fluxo de pessoas que adentravam ou deixavam a cidade de Ituiutaba, por ser uma área de concentração de terrenos desocupados, de galpões de armazenamento de grãos e equipamentos agrícolas, o que significava a ausência de grandes fluxos de pessoas no período noturno, facilitando as práticas sexuais na suas adjacências, inclusive com trabalhadores, caminhoneiros que pernoitavam próximos à essas localidades e que era seu público alvo naquele período;

**Figura 02:** Rotatória da Rua 36 (trinta e seis) com ruas Geraldo Alvares Tavares.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

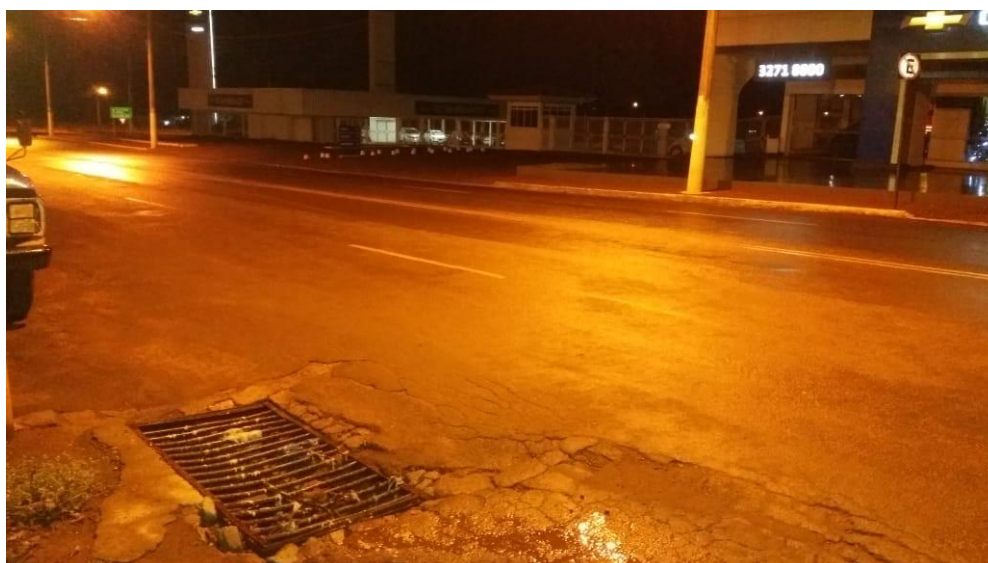
**Figura 03:** Avenida 3



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

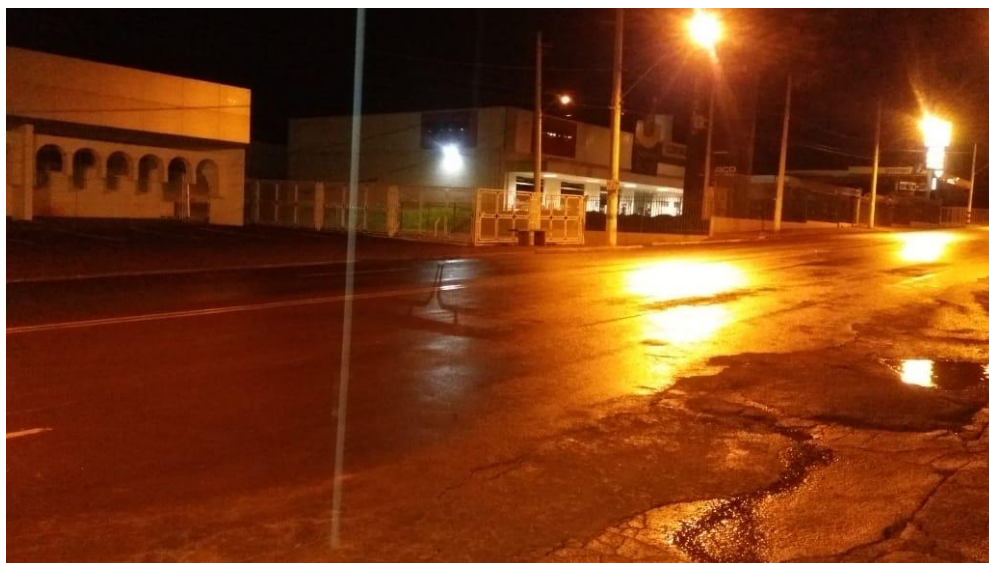
- “Ponto” do posto Gardênia (Figura 4 e 5), localizado na Rua das Primaveras com a BR-154, ou nos pátios do posto de combustíveis em questão, tinha as mesmas características da localidade anteriormente citada, afastado dos grandes fluxos de pessoas, tinha como público alvo trabalhadores caminhoneiros e pessoas que por motivos diversos usavam as dependências do posto e suas áreas de entorno. Utilizavam-se das grandes áreas desocupadas circunjacentes para a realização dos atos sexuais com seus clientes, seja ao ar livre, nas boleias dos caminhões, no interior de carros ou as margens da BR-154.

**Figura 04:** Posto Gardênia.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 05:** Posto Gardênia



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

- “Ponto” da Rua 36 (trinta e seis) ou apoteose (Figura 6 e 7), localiza-se na rua 36 (trinta e seis) no cruzamento com a avenida 1”A”(um), próximo à praça da rua 36 (trinta e seis) com avenida 7 (sete). Esse ponto tinha como diferencial o fluxo de pessoas que por ali transitavam, os “pós-festa”, próximo a bares e salões de eventos diversos, a prostituição naquele momento dividiu-se entre o público oriundo da BR-154 e os moradores da cidade de Ituiutaba presentes nesses estabelecimentos, a logística era contemplada, pois o trabalho estaria associado a formas de lazer como o uso de bebidas alcoólicas, acesso a alimentação próxima e a diminuição de alguns riscos oferecidos nas localidades menos iluminadas e com menor fluxo de pessoas.

**Figura 06:** Rua 36



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 07:** Rua 36



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

- “Ponto” da Avenida 7 (sete), cruzamento com a rua 28 (vinte e oito), (Figura 8 e 9), já localizado em área central, muito tinha a ver com o funcionamento de bares e casas de festa, uso do álcool e acesso a alimentação, um momento considerado otimista para a prostituição, a presença desses agentes em localidades centrais lhes dava a sensação de pertencimento a cidade e suas dinâmicas de lazer;

**Figura 08:** Avenida 7 (sete), cruzamento com a rua 28 (vinte e oito).



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 09:** Avenida 7 (sete), cruzamento com a rua 28 (vinte e oito).



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

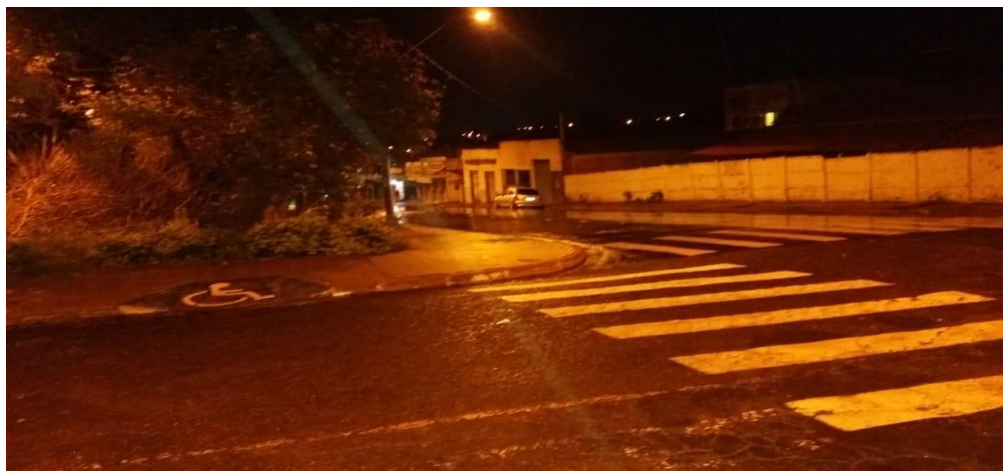
- “Ponto” da rodoviária, localizava-se na Avenida 19 (dezenove) com ruas 34 (trinta e quatro) e 36 (trinta e seis), (Figura 10 e 11), era cercado por pequenos pensionatos e hotéis que atendiam trabalhadores rurais e migrantes geralmente nordestinos, o que fortalecia as demandas da prostituição nessas áreas, ainda o fluxo oriundo da rodoviária municipal de Ituiutaba e os bares de seu entorno eram atrativos para grande fluxo de pessoas, que consumiam esses serviços, que diferentemente das localidades anteriormente citadas, dispunham de quartos de aluguel e uma maior proximidade com motéis e residências utilizadas para as práticas desse subemprego;

**Figura 10:** Avenida 19 (dezenove) com ruas 34 (trinta e quatro).



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

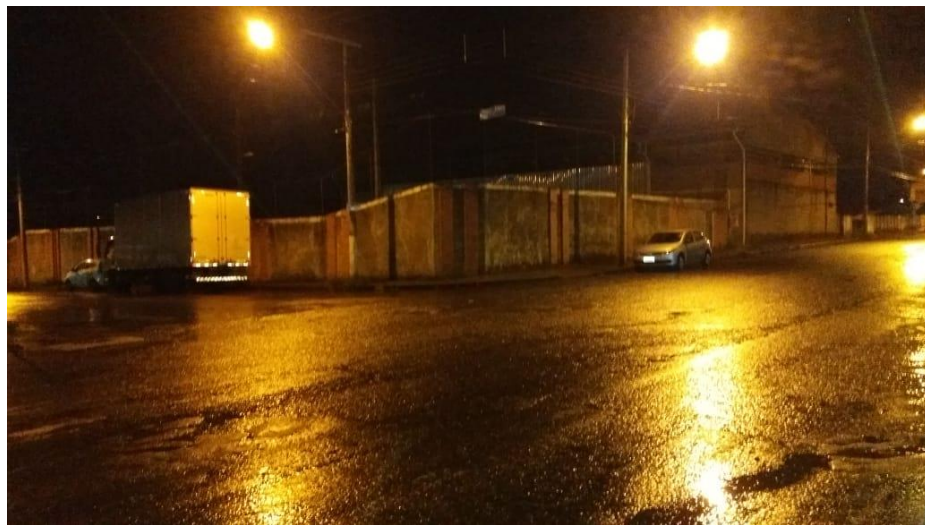
**Figura 11:** Avenida 19 (dezenove) com ruas 36 (trinta e seis).



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

- “Ponto” da Rua 31 (trinta e um), localizava-se na Avenida 31 (trinta e um) entre ruas 8 (oito) e 12 (doze), (Figura 12 e 13), com grande fluxo de pessoas e veículos, com redução de transeuntes no período noturno, considerada uma rua importante na divisa e travessia entre bairros com logística favorecida quanto ao seu acesso por parte dos clientes;

**Figura 12:** Avenida 31 (trinta e um) entre ruas 8 (oito) e 12 (doze).



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 13:** Avenida 31 (trinta e um) entre ruas 8 (oito) e 12 (doze).

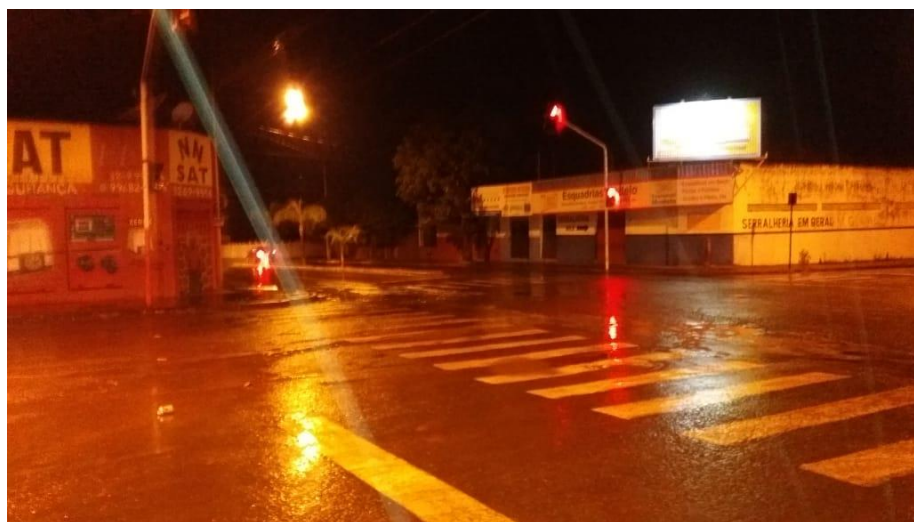


**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).



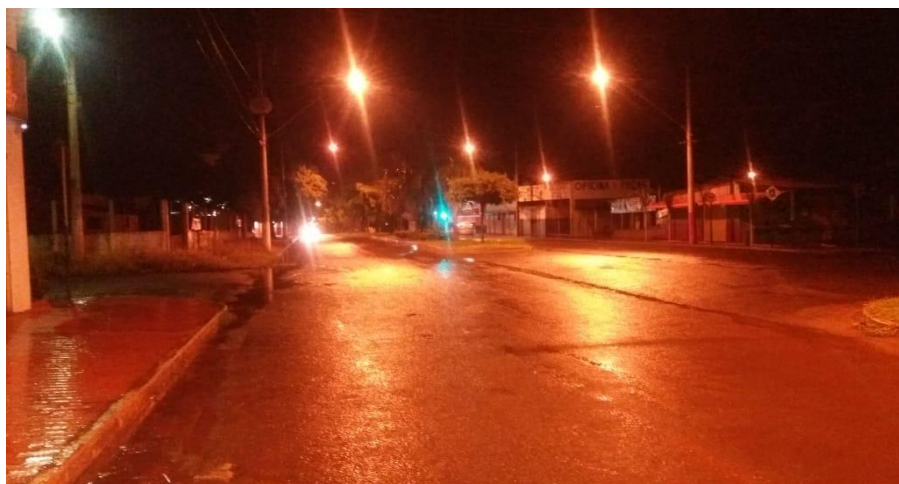
- “Ponto” da Napoleão Faissol, localizado desde o cruzamento da Avenida Napoleão Faissol com Avenida 17 (dezessete) até o cruzamento da Napoleão com rua Joaquim Teodoro de Carvalho e seus entornos (Figura 14 e 15), conhecido naquele momento como “boca do lixo”, por se aproximar de áreas de descarte de resíduos urbanos, era cercado por pequenos bares e casas de prostituição, favorecido logisticamente pela proximidade a motéis e a saída do perímetro urbano pela BR-154 sentido a cidade de Santa Vitória, próximo a áreas industriais, considerado um dos pontos mais rentáveis e favorecido naquele momento, considerado até os dias de hoje o ponto das travestis mais respeitadas dentro do subemprego;

**Figura 14:** cruzamento da Avenida Napoleão Faissol com Avenida 17 (dezessete).



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 15:** cruzamento da Avenida Napoleão Faissol com Avenida 17 (dezessete) até o cruzamento da Napoleão com rua Joaquim Teodoro de Carvalho.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019)

- “Ponto” pousada do Cowboy, localizado no encontro da Avenida 17 (dezesete) com Rua Uberlândia (Figura 16), favorecido pelo fluxo de veículos e pessoas, favorecido logisticamente por situar-se ao lado de uma sequência de motéis e pequenos bares, próximo a áreas de habitação reduzida, próximo a estradas vicinais e na divisa entre bairros periféricos.

**Figura 16:** Avenida 17 (dezesete) com Rua Uberlândia.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

Para maior entendimento da espacialização territorial da prostituição, em um período de 20 (vinte) anos, realizei recortes temporais para visualização das localidades descritas pelas entrevistadas. Observei que em uma década 1998-2008, os pontos da prostituição ainda se situam nos mesmos lugares, com novos ou com os mesmos agentes, e ainda houve o surgimento de mais dois pontos em localidades distintas a partir dos meados de 2008, que seriam “o ponto Maria de Barros”, que se localizava no cruzamento das ruas Claudio Manoel da Costa e Rua Fausto Próspero, e “o ponto Palmeira Clube”, localizado na intersecção das ruas 38 (trinta e oito “A”) e Rua 19 (dezenove).

- “Ponto Maria de Barros” (Figura 17 e 18), localizado na porção sul da cidade, num bairro de classe média (Independência), foi pensando estrategicamente para atender a clientes dessa região e classe, localizado entre bairros (Junqueira/Independência),

logisticamente contemplado pelos fluxos de festas, dos “farrós” no clube Ituiutaba Clube durante o final de semana, com menor atuação de segunda a quinta feira.

**Figura 17:** Ponto Maria de Barros.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 18:** Ponto Maria de Barros.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

- “Ponto do Palmeira Clube”, (Figura 19 e 20), localizado em região central, área residencial, próximo a bares, usava-se o fluxo de pessoas que utilizam as dependências

do Palmeira Clube como público alvo, considerado um ponto “decadente”, normalmente frequentado por travestis idosas e que não se encaixavam nos padrões da prostituição naquele momento. Seria essa a segregação dentro da segregação? Uma reprodução segregatícia dentro da classe mais segregada da sigla LGBTQI+?

**Figura 19:** Ponto do Palmeira Clube.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

**Figura 20:** Ponto do Palmeira Clube.



**Fonte:** ARAÚJO, L. G. S. (2019).

Podemos entender que de 1998 a 2008 houve uma dinâmica de resistência das prostitutas em relação aos territórios já estabelecidos, e ao surgimento de mais territórios, um com novas trabalhadoras desse seguimento (“Maria de Barros”), e outro, composto por pessoas segregadas dentro da própria prostituição (“Palmeira Clube”). Nos meados de 2008, mais travestis eram vistas pelas ruas, não somente nos pontos de prostituição, mas nos bairros, nos bares, como se tivessem perdido o “medo” de mostrarem seus corpos, suas faces, o que seria esse momento, esse despertar? Foi então que voltei meus olhos para dinâmica social da forma mais ampla para analisar aquele período (1998-2008). Quais medidas o aparelho do Estado estaria criando, pois, as mudanças foram perceptíveis, mesmo em Ituiutaba, no interior do Brasil, uma cidade conservadora, majoritariamente cristã, mas só hoje, para o desenvolvimento dessa pesquisa me propus a verificar, de fato, o que estaria sendo feito por parte das políticas públicas naquele período; por que as travestis, em 2008, eram vistas ocupando espaços antes não ocupados? Por que estaria sendo despertado o sentimento de pertencimento a cidade, a suas estruturas básicas como restaurantes, boates? Quem havia lhes permitido adentrar a cortina social tejuicana?

Sabemos então, que em 2002, exatamente dia 27 (vinte e sete) de outubro Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente da República Brasileira, toma posse no ano seguinte e assume a responsabilidade de maior representante (presidente) político do Brasil. Numa breve contextualização lhes trarei algumas ações, que a meu ver contribuíram de forma positiva, para que os agentes do subemprego da prostituição tivessem sido, mesmo que brevemente enxergados pelo Estado brasileiro, e mesmo que de forma mínima beneficiados com essas ações, lhes trazendo confiança para se utilizarem do espaço urbano, entre elas:

2003: elevação da Secretária de Direitos Humanos à categoria de Ministério.

2004: criação do Programa Institucional “Brasil sem Homofobia”.

2005: fortalecimento do Conselho Nacional de Combate à discriminação e promoção dos direitos LGBTQI+.

2006: sanção da Lei Maria da Penha.

2009: criação da Coordenação Geral da promoção dos direitos LGBTQI+.

2010: criação do Plano Nacional de promoção da cidadania e direitos humanos LGBTQI+; Acesso à escola, a saúde, a identidade de gênero e prevenção da homofobia.

2011: criação do módulo LGBT no disk 100; elaboração do primeiro relatório sobre violência homofóbica no Brasil; realização da segunda conferência nacional de políticas públicas e direitos humanos LGBTQI+.

2013: alterações no SUS (Sistema Único de Saúde): nome social, tratamento hormonal para travestis, transexuais e transgêneros, cirurgia de redesignação sexual (troca de sexo); reconhecimento de casais homoafetivos, no que se refere a direitos como: plano de saúde, licença gala, entre outros; assinatura do governo brasileiro à convenção contra todas as formas de discriminação e intolerância da organização dos Estados Americanos; a criação do sistema nacional de promoção de direitos e enfrentamento a violência contra LGBTQI+.

2015: posse de Symmy Larrat (travesti ativista) como coordenadora geral de promoção dos direitos LGBTQI+ do CDH (Comissão de Direitos Humanos).

Podemos perceber que, entre 2003 e 2015, diversas ações de afirmação da comunidade LGBTQI+ foram potencializadas nos governos petistas (Lula e Dilma), não poderemos aqui, mensurar a profundidade de cada uma das ações, porém podemos enxergá-las com positividade, uma vez que foram sentidas no cotidiano dessa comunidade.

Essa pesquisa não tem viés político-partidário, entretanto, é impossível negar a relevância da atuação do Partido dos Trabalhadores na melhoria das condições de existência desse grupo como um todo. Essas ações impactaram positivamente o cenário social brasileiro, e as lutas sociais desse segmento foram incorporadas e difundidas, tanto entre os integrantes, quanto pelas pessoas heterossexuais que enxergaram a injustiça e a segregação na sua forma mais humilhante e desumana. Relacionando os desdobramentos políticos, sociais e econômicos, e apoiado na vivência das entrevistadas lhes apresentarei a espacialização dos territórios da prostituição na cidade de Ituiutaba (MG), no período de análise dessa pesquisa. No ano de 2008, o que chama atenção na dinâmica territorial desse período é sua espacialização escancaradamente centralizada: num “acordo” harmônico territorial, manteve-se os principais e mais antigos pontos, “o ponto da Napoleão Faissol”, “o ponto CASEMG”, com as trabalhadoras mais “antigas”, e numa nova roupagem a criação dos pontos no percurso da Rua 17 (dezesete), sendo Rua 12 (doze), Rua 28 (vinte e oito), Rua 30 (trinta), rua 32 (trinta e dois), rua 34 (trinta e quatro), rua 36 (trinta e seis), rua 38 (trinta e oito), ocupados por uma prostituição sob domínio de processos de cafetinagem segundo as entrevistadas. Sobre os processos de cafetinagem, não se pode afirmar sua existência nesta pesquisa, uma vez que não encontrei indivíduos dispostos a comentar essa afirmação. Em termos gerais, podemos concluir que o subemprego da prostituição desde os meados de 1998 não teve redução na cidade de Ituiutaba, sempre variando entre 8 (oito) e 13 (treze) dessa prática profissional, dinâmicos e migratórios, mais territorialistas na década de 2000 (dois mil), e mais flexíveis a partir do ano de 2010.

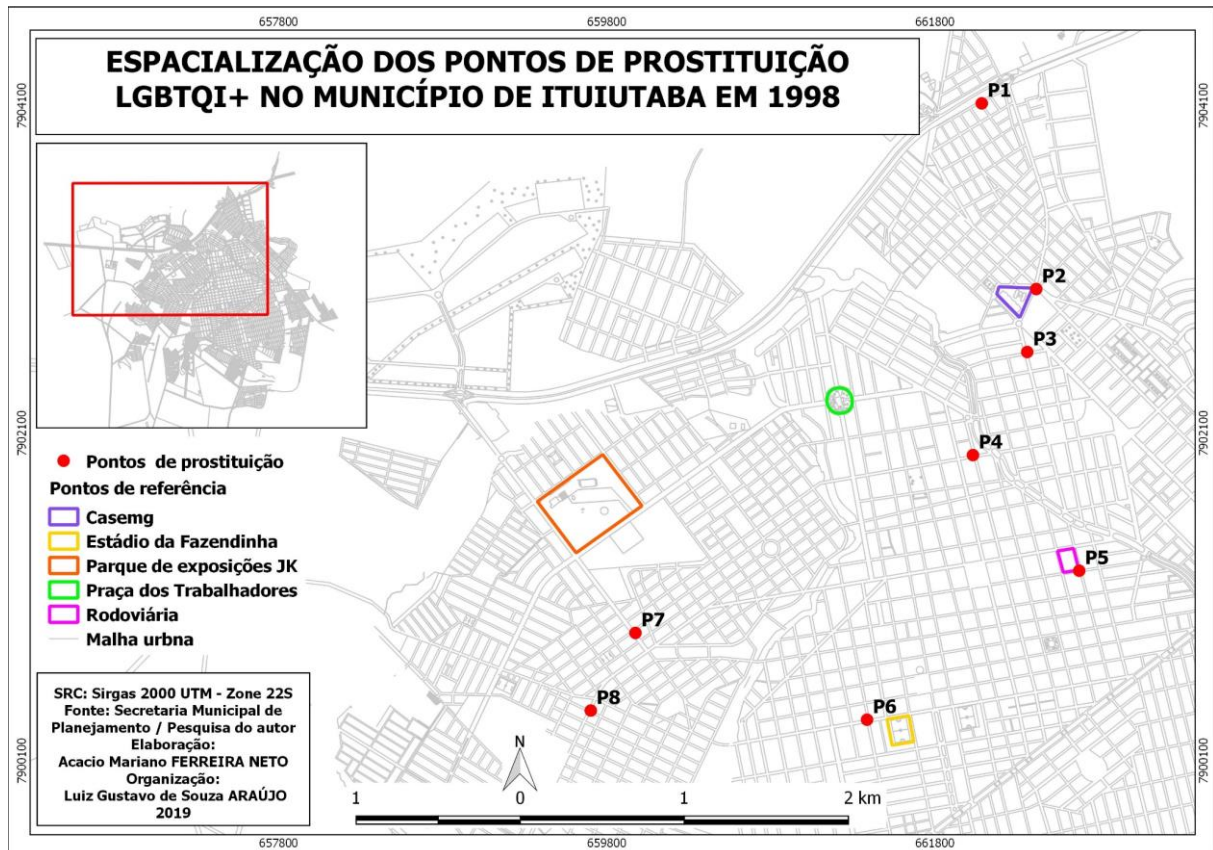
O que se pode concluir é uma aparente aceitação do ofício da prostituição em áreas centrais, mais não do indivíduo que se prostituí, como se a partir de toda a mobilização social,

fosse entendido que essas pessoas têm direito à vida, mas apenas à vida, não havendo uma preocupação em inseri-las em algum segmento do mercado de trabalho formal, de mínimas condições de sobrevivência, tanto que, o número de territórios da prostituição aumento entre 1998 e 2018. As políticas públicas garantiriam certa melhoria, mas ainda insuficiente para que as práticas do subemprego fossem reduzidas. Olho com positividade para o futuro, uma vez que hoje, a academia tem voltado seus “olhos” para entender processos como esses, e grupos e organizações de todos os portes pressionam os governos para que esses sujeitos tenham cada vez mais acesso aos direitos básicos enquanto cidadãos.

E se foram essas políticas as mantenedoras dessas melhorias só consigo enxerga-las como sendo a solução mais concreta para garantir os próximos avanços. A primeira deles, a educação, a sociedade, antes mais nada, precisa tratar das múltiplas sexualidades, do respeito, e da construção de leis que assegurem primeiramente a integridade física e mental desses indivíduos, e na sequência, a criação de oportunidades reais de empregos, pois tão somente a melhoria das condições socioeconômica desses grupos pode lhes garantir o distanciamento dos riscos das “avenidas” e uma condição de dignidade social.

Apresento a seguir, os mapas da distribuição das localizações dos pontos de prostituição, os territórios do subemprego, no recorte temporal 1998 a 2018.

**Figura 21:** Espacialização da prostituição 1998 em Ituiutaba – MG.



Podemos observar na (Figura 21), a espacialização dos chamados “pontos de prostituição” destacados na cor vermelha no fim do ano de 1998 (mil novecentos e noventa e oito). De acordo com o Quadro 1, os dados dessas localidades concentravam-se na sua maioria nas periferias da malha urbana da cidade de Ituiutaba.

**Quadro 01:** Espacialização dos pontos de prostituição 1998 em Ituiutaba – MG.

MAPA 1998	
P1	Posto Gardênia
P2	Casemg
P3	Apoteose
P4	7 c/ 28
P5	Rodoviária
P6	31 c/ 12
P7	Napoleão Faissol
P8	Pousada do Cowboy

**Elaboração:** Acácio Mariano Ferreira NETO.

**Organização:** Luiz Gustavo de Souza ARAÚJO.



Através do quadro acima, as particularidades das localidades descritas anteriormente nesse trabalho, seguido por outras localidades, são destacadas por outras cores (Roxo, Amarelo, Laranja, Verde e Rosa) introduzidas nessa produção cartográfica para que a compreensão da espacialização da malha urbana na sua totalidade seja bem compreendida.

**Figura 22:** Espacialização da prostituição 2008 em Ituiutaba – MG.



Já no ano de 2008 (dois mil e oito), podemos observar na (Figura 22), a espacialização da prostituição na malha urbana de Ituiutaba – MG, observa-se a manutenção da maioria dos territórios criados desde o ano de 1998 (mil novecentos e noventa e oito), nas demais cores (Roxo, Amarelo, Laranja, Verde, Rosa, Preto e Azul).

**Quadro 02:** Espacialização dos pontos da prostituição 2008 em Ituiutaba – MG.

<b>MAPA 2008</b>	
P1	Pousada do Cowboy
P2	Napoleão Faissol
P3	Casemg
P4	Apoteose
P5	Palmeira Clube
P6	Maria de Barros

**Elaboração:** Acácio Mariano Ferreira NETO.

**Organização:** Luiz Gustavo de Souza ARAÚJO.

As localidades definidas como referências de localização para o melhor entendimento da espacialização desse subemprego. Ao Sul e a Leste, **P5** e **P6**, como descrito anteriormente nesse trabalho, os territórios de segregação dentro da prostituição, “Ponto Maria de Barros” e “Ponto Palmeira Clube”, já estabelecidos no ano de 2008 (dois mil e oito), de acordo com a (Quadro 2).

Na (Figura 23), podemos notar que na cor vermelha, observamos os territórios do subemprego da prostituição na malha urbana de Ituiutaba, claramente, em comparação aos formatos de espacialização anteriores.

**Figura 23:** Espacialização da prostituição 2018 em Ituiutaba – MG.



**Quadro 03:** Espacialização dos pontos da prostituição 2018 em Ituiutaba – MG.

MAPA 2018	
P1	17 c/ 12
P2	Casemg
P3	17 c/ 28
P4	17 c/ 30
P5	17 c/ 32
P6	17 c/ 34
P7	17 c/ 36
P8	Napoleão Faissol

**Elaboração:** Acácio Mariano Ferreira NETO.

**Organização:** Luiz Gustavo de Souza ARAÚJO.

Pode se observar que no (Quadro 3), uma questão mais relevante na dinâmica de migração dos territórios às áreas centrais da malha urbana, principalmente no centro comercial, nas demais cores (Laranja, Roxo, Verde e Rosa) tem a função de referenciar geograficamente outras localidades para melhor compreensão da espacialização que se quer destacar.

Localizados na Avenida 17 (Dezessete), **P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7**, destacados na tabela, claramente nos traduzem a espacialização observada nesse trabalho.

## 5. CONCLUSÃO

A partir daquilo que foi observado em pesquisa a prostituição na cidade de Ituiutaba, e todas as dinâmicas territoriais e de segregação espacial, podemos constatar que dentro do recorte temporal de 20 (vinte) anos (1998-2018), uma notória movimentação desses territórios migrando no sentido as áreas centrais da malha urbana de Ituiutaba – MG.

Segundo nos retratam os mapas apresentados nesse trabalho, construídos a partir dos relatos pessoais das pessoas entrevistadas, os territórios da prostituição, principalmente no fim da década de 1990 (mil novecentos e noventa), ocupavam principalmente as áreas periféricas, situadas na sua grande maioria na região norte da cidade, passando por algumas mudanças a partir do início dos anos 2000 (dois mil). Tais mudanças foram retratadas pelas agentes desse subemprego como sendo “uma maior aceitação” por parte da sociedade de forma geral, dessa forma foram observadas dinâmicas migratórias dos “pontos” da prática da prostituição, ou seja, num primeiro momento, podemos espacializar os territórios da prostituição como sendo exclusivamente periféricos e num segundo momento, observar movimentações em direção às áreas centrais de Ituiutaba.

O desafio era de entender esse processo, explica-lo. Para tanto, foi necessário contextualizar os processos sociais, não somente na cidade de Ituiutaba, mais um olhar para contextos políticos vigentes e atuantes por parte do aparelho do estado, no que tange políticas públicas no momento relatado, como supracitado, a partir do ano de 2003 (dois mil e três), o Brasil, teve o contato mais efetivo com políticas de ações afirmativas no que tange a comunidade gay. O primeiro e mais importante dos acontecimentos foi a elevação da secretaria dos direitos humanos a categoria de ministério, ação essa que garantiu que pautas como o movimento LGBTQI+ fosse fossem ampliadas e difundidas. É claro, que no presente trabalho não poderemos mensurar a efetividade dessas políticas na cidade de Ituiutaba, mais segundo os relatos pude observa-las como sendo as “forças” protagonistas da dinâmica de migração desses territórios, uma vez que o conjunto de ações proporcionou visibilidade a essa categoria.

Segundo as profissionais desse subemprego, já no fim da década de 2000 (dois mil), mais localidades dessa pratica eram vistas em Ituiutaba, novas integrantes e o início de práticas antes não observadas, como a presença desses indivíduos (travestis e transexuais) em bares, cinemas, restaurantes entre outros, e próximo do ano de 2010 (dois mil e dez) já se sentiam mais pertencentes às áreas múltiplas da cidade, onde anteriormente só se limitava aos territórios ligados a prática da prostituição. Pude entender que as ações afirmativas em nível nacional

tiveram efeitos positivos na comunidade LGBTQI+ em Ituiutaba, pois não foi observado nesse período políticas municipais no que tange esse segmento. Foi observada a construção de novos territórios a partir do ano de 2010 (dois mil e dez) e a extinção de territórios já consolidados, mais nunca redução significativa da quantidade desses territórios. O ano de 2008 marca uma ruptura da estrutura social no que tange a centralização da prática da prostituição em áreas centrais da cidade de Ituiutaba, e não somente dos territórios desse subemprego, mas de outros aspectos da vivência dessa comunidade no geral.

Entre os anos de 2010 (dois mil e dez) e 2018 (dois e dezoito) pude enfim constatar o maior processo de centralização desses territórios, como anteriormente descritos nesse trabalho, e nos mapas desenvolvidos a partir desses relatos, uma forte movimentação desse grupo principalmente em direção ao centro comercial da cidade de Ituiutaba. Esse processo me remete a interpretar as políticas públicas como sendo principal responsável dessa dinâmica, mais o que significa a centralização da prostituição? Para aquelas que fizeram parte desse momento o significado foi um maior acesso as infraestruturas da cidade no geral, a segurança proporcionada por localidades mais iluminadas, acesso a lazer, restaurantes, lojas de conveniência, uma face mais inclusa da prostituição? Poderemos enxergar essa dinâmica como aceitação social de travestis e transexuais em áreas não incorporadas da cidade? Mas se foram “aceitas” porque não se observava grandes contingentes desses agentes em empregos formais?

Foi então que pude entender o processo na sua totalidade, as políticas públicas, de certa forma contribuíram para que a prática fosse aceita nas áreas centrais, mais não tratou de incluir os sujeitos (travestis e transexuais), o que justifica a prostituição nas ruas centrais, mais a exclusão do indivíduo do trabalho formal, ou seja, apenas a prática desse subemprego teve espaço, nenhuma política foi criada a fim de tratar do acesso dessas pessoas a outras oportunidades. O que reforça a narrativa dessa conclusão é o fato de que os territórios da prostituição apenas aumentaram em vinte anos, ou seja, podemos ver prostitutas travestis no centro urbano, nos enganar quanto a inclusão, mas ao adentrarmos estabelecimentos comerciais nas mesmas áreas durante o período diurno não vamos encontra-las ocupando cargos regulamentados, com direitos garantidos.

Reforço o papel das políticas públicas e da responsabilidade social que as cerceiam, do papel do estado no problema social nos quais se envolvem as dinâmicas do mercado do sexo, principalmente de pessoas negras e periféricas, alerta para o falso pertencimento desses indivíduos à sociedade de nível local, para o afastamento do estado de “raízes fundamentalistas religiosas”, e para um maior envolvimento da academia de forma geral para a tratativa de

temáticas como essa, afim de minimamente propor estudos que auxiliem no combate da homofobia e na redução de pessoas travestis e transexuais na prostituição.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2000.

CHAZARRETA, Irma Elizabeth. **Las Personas Trans Feminizadas y la Prostitución como Último Recurso para la Supervivencia.** 2019. Disponível em:

<[https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12526/pdf\\_13](https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/12526/pdf_13)>. Acesso em: 20 nov. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

BUTLER, Judith; BETTONI, Rogerio. **Relatar a si mesmo.** 2015. Disponível em:

<[https://books.google.com.br/books?id=TBV2CwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=TBV2CwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 20 nov. 2019.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – DIEESE. **Encargos sociais no Brasil: conceitos, magnitude e reflexos no emprego.** Pesquisa n. 12. São Paulo: Dieese, 1997.

HEBERLE, Viviane Maria; Ostermann, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. **Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?** 2009. Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/1796/179613969009.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. **Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social.** 2013. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912013000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003)>. Acesso em: 20 nov. 2019.



SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **A noite também educação: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição.** 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2272>>. Acesso em: 23 nov. 2019.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VARANDA, Ana Paula de Moura; BARBOSA, Matheus Vieira; SOUZA, Leonardo Gomes de. **Gênero e Sexualidades na Construção de Espacialidades das Juventudes em Carangola, Minas Gerais.** 2019. Disponível em: <[https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/10841/pdf\\_12](https://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/10841/pdf_12)>. Acesso em: 25 nov. 2019.